

PANDE[MÃE]NICAS

Angélica Nunes, Bárbara Moreira, Camila Melo
Clarice Gonçalves, Marta Guimarães, Tatiana Reis
ARTISTAS . MÃES . AUTORAS

PANDE[MÃE]NICAS



Copyright © 2022
Coletivo Matriz

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP

Pande[Mãe]nicas [livro eletrônico]. 1.ed. -- São Paulo: Coletivo Transverso, 2021.

PDF

GUIMARÃES, Marta; REIS, Tatiana; MOREIRA, Bárbara; GONÇALVES, Clarice; MELO, Camila, NUNES, Angélica.

37 p.; 10 cm.

ISBN 978-65-996468-0-5

1. Arte 2. Artes 3. Maternidade 4. Mulheres 5. Pandemia

1. Artes 700

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

PANDE[**MÃE**]NICAS

Este livro é uma compilação de processos, resiliências forçadas, teimosia, lágrimas e exaustão.

É um dar-se conta mundial da importância e invisibilidade da economia do cuidado,
em especial a exercida portas adentro, desde sempre por mulheres mães.

Neste exemplar, o Coletivo Matriz se une para desaguar processos de suas integrantes e a
sobrevivência

de suas corpos mães artistas em meio ao Brasil pandêmico.

Como formigas, cada uma com seus pedaços, restos e escombros, formamos
esse relicário de pequenas resistências cotidianas.

Manifesto

Somos um coletivo de artistas mães de Brasília e entorno, que trabalhamos com questões invisíveis da Maternidade e Maternagem. Investigamos conceitos da cultura patriarcal e seus atravessamentos na vida de mulheres, em especial, na de mulheres-mães. Fazemos arte enquanto criamos gente. Arte que transita entre intervenção urbana, colagens digitais, ações performáticas e lambes.

A invisibilidade da produção artística feita por mulheres é histórica, por isso, entendemos a difusão de artistas mulheres como uma ferramenta subversiva e pedagógica. Almejamos a visibilidade, divulgação e reconhecimento da arte feita por mulheres.

Trabalhamos com a palavra, com a imagem, com a rotina, com o cansaço, com a coragem e todo material que nos atravessa e nos faz sentir. Debates, (re)escrevemos e (re)organizamos, deglutimos, vomitamos, fagocitamos e provocamos a reflexão.

Somos resistência ao mantermos nossas produções e vozes em busca de dar vazão a esse universo do qual poucos querem ver ou ouvir falar. Todos nós que existimos fomos paridos, nutridos e cuidados, em maioria, por mulheres. Falar de maternidades reais é ainda, um tabu, e é por isso que nos posicionamos.

Brasília, 19 de março de 2021.





Angélica Nunes

Estou imersa num tempo inerte, que se desdobra e me consome nas tarefas domésticas, em miudezas cotidianas que me tomam espaços físicos, mentais e emocionais onde me sobrecarrego e enlouqueço. Eu tento fugir me transportando para um lugar onde eu possa expandi-lo e tentar resgatar aquilo que me sobra e, nem sempre consigo. Eu vivo nas lacunas desse tempo, nas brechas entre as infinitas responsabilidades que executo enquanto mãe solo. Sozinha, eu procuro o silêncio enquanto luto para sobreviver na dualidade de não conseguir me dedicar à vida artística ainda. Por mais que a arte seja o respiro que eu busco para não sucumbir nos abismos que me invadem, materialmente ela não me sustenta, então esse tempo, que já era pouco, torna-se cada vez mais escasso e eu me sinto correr, mesmo quando desisto de tentar ser o suficiente. Eu bordo para me encontrar com esse tempo, porque é o que me é possível fazer entre as tarefas, o que me é acessível e, no entanto, coleciono pares de obras inacabadas, assumindo isso como a estética da minha própria vida que nunca chega a lugar algum, está sempre suspensa entre os fios que a maternidade me coloca e os que eu crio também. Um eterno emaranhado de insuficiências no qual eu me rendo e trabalho pacientemente, um dia de cada vez, um ponto, uma linha. O nó se desfaz.



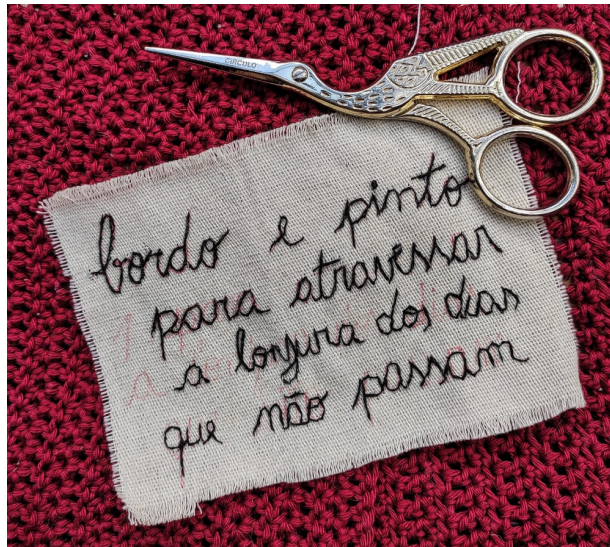
Paisagem interna

Bordado à mão sobre algodão cru

(47cm x 23cm)

Dezembro de 2020.





Obra sem título

Bordado à mão sobre algodão cru e fotorperformance.
2021.







Maternão em quarentena

Curta-metragem filmado pelo celular e apoiado pela Da Silva, 2020.

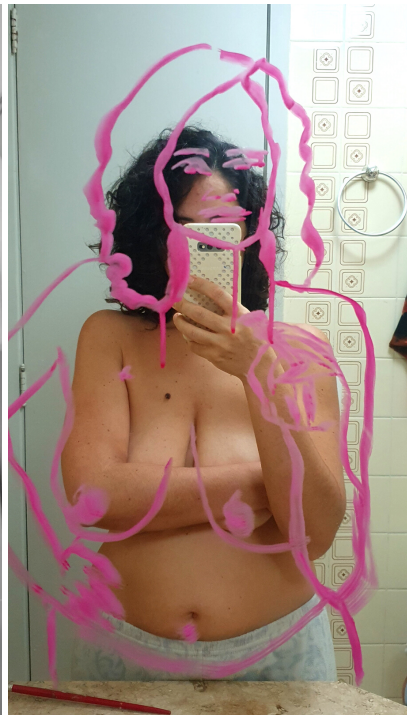
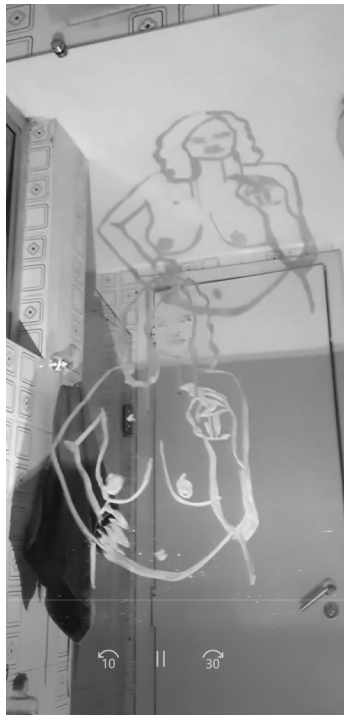


Bárbara Moreira

Mergulhar em mim sem espaço, sem silêncio, sem privacidade. Tornar o fazer do dia a dia um ritual de estruturação para manter a sanidade. Sair da rotina criando arte com os convites que a casa me faz, fotografando detalhes. A pandemia fez entrar num tempo não tempo e eu adentrei o meu inconsciente para além de mim. Me mesclo com tintas e água, com sombras, com a natureza para encontrar algum espaço sem o outro. Nesse período todo, se fez muito presente o fogo. Sinto-me, todo o tempo, fazendo alquimias comigo, e ajudando o outro a fazer sua alquimia "online, por Zoom".

Eu até gosto da pausa de mundo que se abriu na pandemia para finalmente poder me olhar e olhar meus filhos e minha família. Sabe, cortar, de surpresa, todas as distrações que haviam fora. Agora, já não piro mais como pirava no início de tudo isso, nem desejo voltar ao mundo de antes. Me pergunto como manter o que conquistei quando a não-privacidade for outra.





Das Sombras

Pintura sobre espelho
e fotoperformance.
2020.



Por entre as frestas
Fotografia digital, 2020.

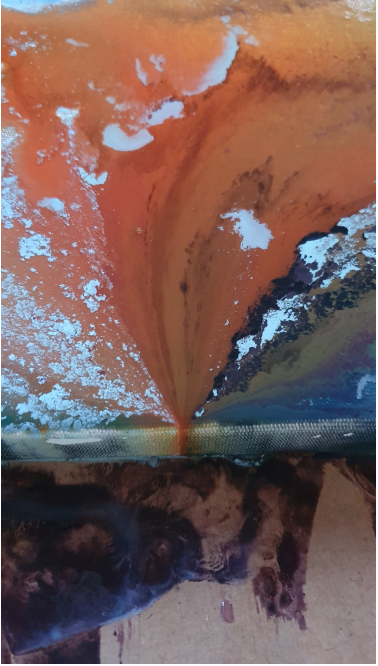
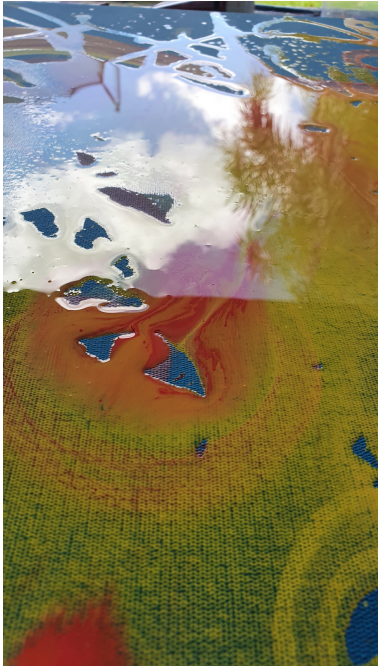


Costura de si
Performance.
2020.



Memórias
Papel, linha e fotoperformance
2020.







Mundo dos Polvos

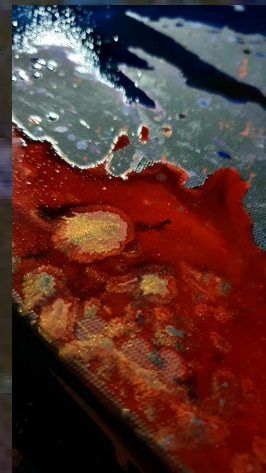
Tinta PVA e acrílica sobre tela
110cm x 110cm, 2020.



Multiverso

Tinta PVA, acrílica e cinzas sobre tela
110cm x 110cm, 2021.

Multiverso
Detalhe





Camila Melo

Bem no início eu me perdi como num labirinto, esbarrava em linhas, menino chorando, roupa suja, comida por fazer. Depois me perdi nas horas, atrasava a rotina, tanto faz. Chegou o dia que me perdi nos dias, nem sabia se era domingo, segunda... Eu tive medo de não saber se era noite ou dia, sentíamos saudade do sol. Estávamos todos condenados, era puro caos.

Os olhos entregam

Stop-motion produzido com aplicativo de celular, usando óculos em feltro e papelão. 2021.





**Pai,
cade você?**
Existem 67 milhões de
mães no Brasil, sendo
que 31% (20 milhões)
são solo.

MÃE. POR QUE
MEU PAI NÃO QUER
SABER DE
MIM?

NÃO CHORA, A
MÃE TÁ
AQUI PRA O
QUE DER
E VIER.

5,5 milhões
de crianças no
país não têm a
paternidade
reconhecida.





Sem título
Bordado em feltro, 2020.





Sobrevivendo
Stop-motion produzido com
aplicativo de celular, usando
coração e olhos bordados.2021





Nascer não tem volta

videoarte produzido com aplicativo de celular. 2021.



Clarice Gonçalves

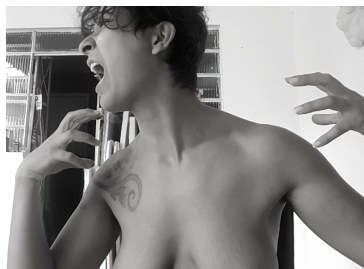
Tive que queimar, transmutar, fazer cinza das incertezas constantes. O confinamento, o claustro pandêmico me obrigou mais impetuosamente a me conviver, e nesse hiperconviver, ver meu rebento como fruto, e as relações como construções de trocas, todas elas. Tive que, da boca para dentro me aceitar, aceitar o movimento ansioso das entranhas e procurar refúgio no corpo animal, no cérebro reptiliano vestigial, instintivo, reativo. Empreendi experimentos psicológicos a mim mesma, através de microdoses de uma substância presente em cogumelos, a psilocibina. Me fiz vegetal noutros momentos, sorvendo o que me era servido ao girar da terra e seu sol. Do sufocamento busquei na memória do meu corpo e do corpo de outras artistas, momentos de dissolução na epiderme do planeta. Ambientes não modificados por mãos humanas, lugares de pequenez e pertencimento. Plantei e abandonei repetidamente, no meu jardim e no ateliê.

Visitei obras antigas e, num processo que se iniciou desde as eleições de 2018, passei a terminá-las, finalmente, através de queimas controladas, esburacando a canonização da pintura e atravessando o tempo, cuspidando no acabamento agradável esperado pelo senso comum. E no verniz que ainda insistia em espalhar sobre mim mesma.

Maternar em pandemia me foi então, também, tragicamente prolífico. De início, desabafos, imagens de soterramento, sufocamento, performei um grito silencioso, retomando uma prática que vez por outra aparecia no meu processo, a de performar uma imagem para então pintar. E passei a me sentir sufocada de estar sufocada, busquei amplidão, liberdade, sol, brisa e acolhimento contemplativo em imagens de animais humanos em ambientes não modificados pela ganância dos 'civilizados'. E segui performando solitária, como forma de expurgar dores e transmutar libidos.



Queimando máscaras
foto performance
2021



Silêncio

Acrílico e óleo sobre tela
50 x 70 cm, 2020



Semiotics of the kitchen

acrílico sobre cartão
2020





Pertencimento

Acrílico sobre cartão
100 x 63cm, 2020

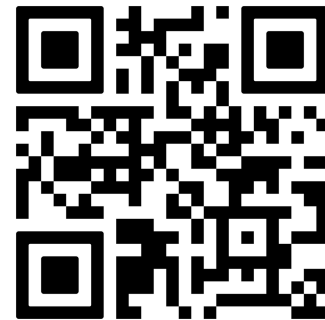


Animal Humano

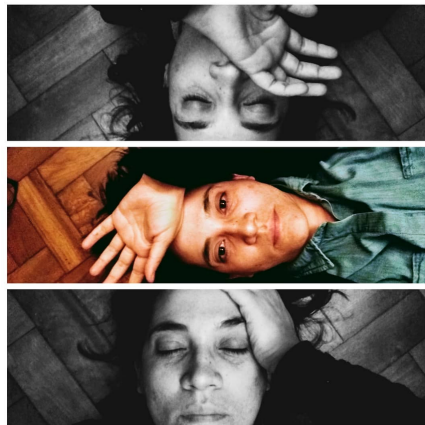
Acrílico sobre cartão
2020



Assombras
foto performance, 2020



Frame do vídeo-performance
'mulher besouro', 2021.



Exaustão, 45x80cm, Óleo
sobre tela, 2021



Marta Mencarini

Exaustão, palavra insuficientemente sintética para significar o esgotamento materno, que não é somente físico e mental é metafísico, histórico e político. Pinto a mim para perfurar a fina película do espelho através do (re)conhecimento, do espaço-tempo-corpo-útero-mãe, mulher pandêmica, atravessada por um mundo-crise onde o privado torna-se público em que tudo é para agora. Meu tempo é fragmento, passo os dias cuidando, cuidando da minha filha, da casa, das coisas, cuidando também do marido. Cuidar é minha principal função. Pelas brechas do tempo eu leio, escrevo, assisto aula, produzo (comida, brincadeiras, trabalho) pinto e respiro para não pirar. Res-piro!



Ponto Zero,
acrílica
sobre tela,
54x65cm,
2020



Matilha Doméstica, acrílica sobre tela, 54x65cm, 2020



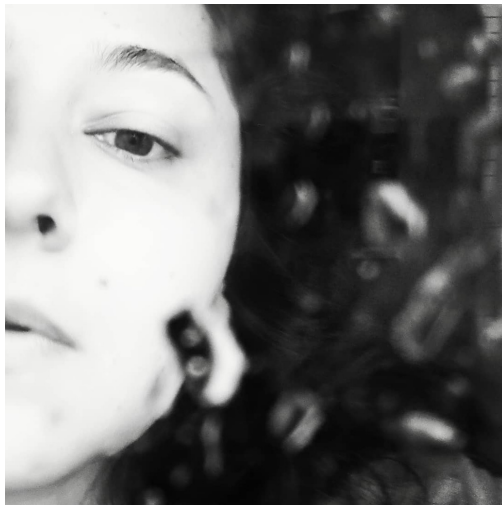
Ponta Cabeça, 54x65cm, Óleo sobre tela, 2021.

Distopia



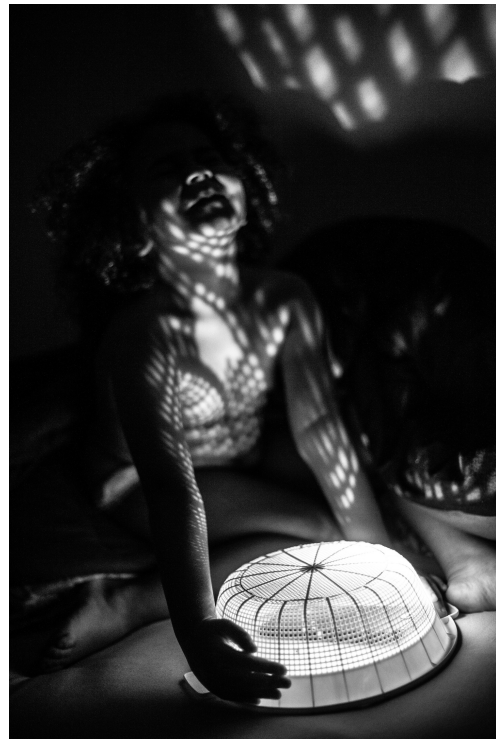
Quando o medo vira raiva,
54x65cm Óleo sobre tela,
2021.

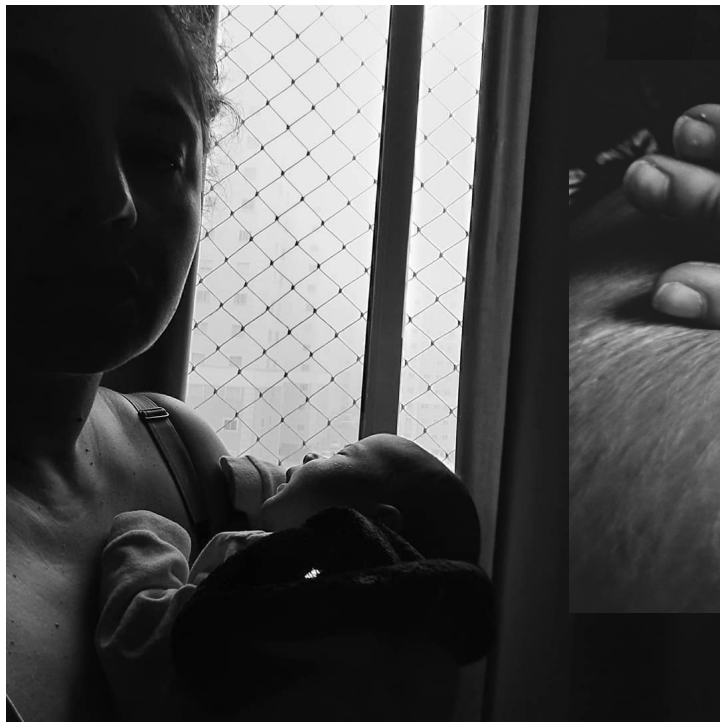
Sou grito!



Tatiana Reis

A gente aperta, fecha bem os olhos pra ver de dentro, a gente até tateia entre os papéis soltos, pacotes, pelúcias, giz de cera. Poesia tem vez que não aparece, nem a paciência, nem a mãe que brinca, nem artista, nem a que cozinha, nem ninguém. São tantos processos inacabados ou realizados a toque de caixa por motivos de "sou mãe" que acumular e aceitar as pontas soltas é alcançar pela superfície um pouco de ar. Vai ser do jeito que dá mas isso pode não ser justo. As vezes quero jogar uma bomba no dia, raspar mil vezes os grãos de arroz que restaram no prato, mil vezes. A gente escolhe as nossas batalhas é verdade, repetir com recados colados pela casa: tudo bem não dar conta. Mas não tá tudo bem viver num país que prioriza boteco à escola, tantos desastres diante dos nossos olhos. Durante a madrugada desenho, escrevo e amamento por horas a fio. Fotometro cenas rotineiras ao fim da tarde, miro no meu corpo e suas dobras, um corpo materno e seus transbordos. Foco no encantado que por vezes nos visita, uma vida montanha russa, na borda da loucura, equilibrando pratos, ensinando o b-a-ba, abandonando muitas coisas, conquistando outras. Tudo em 42 metros quadrados.





Puérperas, pastel
oleoso e sono sobre
papel , dimensões
variadas, 2020



Das Grandezas de Sentir, série de fotografias digitais, dimensões variadas.
2021



TODA CRISE SOCIAL ATINGE MAIS AS MULHERES

Home office
atividades
escolares
das
crianças

cuidados
com os
idosos

TRABALHO DOMÉSTICO

PANDE (MÃE)NICAS

*** 36%**

das mães deixam
de procurar
emprego na
crise e 16%
das mães toparam
trocar por
empregos menos
demandantes
para cuidarem
dos filhos
sendo que só
9% dos pais
consideram a
opção

*** 7 MILHÕES**
de mulheres
deixaram seus postos
de trabalho no
início da pandemia

2 milhões a
mais do que o
número de
homens na mesma
situação



*** AUMENTO DA
VIOLÊNCIA DE
GÊNERO, O
ISOLAMENTO
FÍSICO
INTENSIFICA A
MASCULINIDADE
TÓXICA E UMA
RESPOSTA
VIOLENTA AO
CONFLITO**

**AUMENTO DE 22% NOS
CASOS DE
FEMINICÍDIO NO
BRASIL**



*** METADE DAS MULHERES NO
BRASIL PASSOU A CUIDAR
DE ALGUÉM DURANTE A
PANDEMIA**



*** 39%**
das mães
apresentam
**exaustão e
estresse
pós
traumático**

*** Dados ONU
Mulher, PNAD
Continua, FBSP
e revista TPM.**

COLETO
MATRIZ

A R
T E



TODA CRISE SOCIAL ATINGE MAIS AS MULHERES

Home office
atividades
escolares
das
crianças

cuidados
com os
idosos

TRABALHO DOMÉSTICO

PANDE (MÃE)NICAS

*** 36%**

das mães deixam
de procurar
emprego na
crise e 16%
das mães toparam
trocar por
empregos menos
demandantes
para cuidarem
dos filhos
sendo que só
9% dos pais
consideram a
opção

*** 7 MILHÕES**
de mulheres
deixaram seus postos
de trabalho no
início da pandemia

2 milhões a
mais do que o
número de
homens na mesma
situação



*** AUMENTO DA
VIOLÊNCIA DE
GÊNERO, O
ISOLAMENTO
FÍSICO
INTENSIFICA A
MASCULINIDADE
TÓXICA E UMA
RESPOSTA
VIOLENTA AO
CONFLITO**

**AUMENTO DE 22% NOS
CASOS DE
FEMINICÍDIO NO
BRASIL**



*** METADE DAS MULHERES NO
BRASIL PASSOU A CUIDAR
DE ALGUÉM DURANTE A
PANDEMIA**



*** 39%**
das mães
apresentam
**exaustão e
estresse
pós
traumático**

*** Dados ONU
Mulher, PNAD
Continua, FBSP
e revista TPM.**

COLETO
MATRIZ

A R
T E

O QUE VOCÊ FAZ
PARA MELHORAR A
EXISTÊNCIA DAS
MÃES ?

PANDE[MÃE]NICAS

É uma compilação e elaboração
realizada ao longo do mês de abril/2021
pelas integrantes do Coletivo Matriz.

